

OLIVIER TONI E A SORTE DE TER SIDO SEU AMIGO

OLIVIER TONI AND THE LUCK FOR HAVING BEEN HIS FRIEND

Enio Squeff
Artista Plástico
squeff.atelie@gmail.com

Resumo

Crônica em que o ex-jornalista e atual artista plástico Enio Squeff narra suas experiências com o prof. Olivier Toni, recorrendo a lembranças que se passaram quando de sua primeira visita a Prados, no interior de Minas Gerais.

Palavras-chave: Olivier Toni; Festival de Prados; Festival Música Nova.

Abstract

Chronicle in which the former journalist and currently plastic artist Enio Squeff tells his experiences with professor Olivier Toni, based on memories of his first visit to Prados, in Minas Gerais' countryside, Brazil.

Keywords: Olivier Toni; Festival de Prados; Festival Música Nova.

“Toni, só você para me trazer até aqui.”

De fato, só o maestro Olivier Toni conseguiria que eu me movesse de São Paulo para Prados, uma pequena e encantadora cidade histórica de Minas Gerais, onde eu chegaria depois de uma espécie de odisséia. Estávamos na década de setenta, como repórter do *Estado*, vindo de São Paulo de avião. Depois disso, embarquei num ônibus que não me deixaria

em Prados, mas numa parada no meio de uma noite amena, de luar, onde, então – numa conexão meio aventureira –, entraria em outro ônibus, que (esse sim) me levaria a Prados. Era lá que se celebrava o primeiro ano de um festival de música antiga e de vanguarda, uma das inúmeras invenções de Olivier Toni, já diretor da Escola de Música da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) na época.

A minha ida tinha sido combinada mais ou menos aleatoriamente, por telefone, com o próprio Toni. O principal: eu teria de convencer o *Estadão* de que o tal festival valia a pena. Salvo engano, era a primeira vez que uma cidade histórica reuniria instrumentistas e professores para celebrar tanto o passado dito “barroco”, do ciclo de ouro de Minas Gerais, quanto a vanguarda musical paulista.

O Barroco e a música contemporânea: uma boa e insólita mistura, que certamente redundaria numa matéria de certo peso para *O Estado de S. Paulo*. Foi fácil, o jornal topou a pauta. E Toni, àquelas alturas, granjeara o prestígio que o tornara uma unanimidade não só nos meios musicais da pauliceia. Já tinha criado a Orquestra Jovem Municipal, a Escola Municipal de Música (na qual me “formei” como clarinetista – as aspas ficam por conta da suposição do bom instrumentista que eu jamais fui).

Tudo bem. Mas a partir da minha saída do avião, em Belo Horizonte, alcançar Prados não seria tão fácil assim. Não havia nenhuma linha direta da capital mineira, para a cidadezinha, meio perdida nas alterosas. Ao que me informou o motorista do ônibus de BH, eu deveria descer num ponto qualquer da estrada – isso lá pelas 19h ou 20h – e então aguardar um ônibus vindo de não sei onde que me levaria a Prados, coisa de alguns quilômetros.

Confesso que, como repórter de cultura (isso existia na época), não tinha lá muita experiência com conexões rodoviárias pelo interior do país. E logo minhas dúvidas se confirmaram. Passados uns bons 40 minutos no local em que me postei, sob a luz do luar, sozinho (nada de um medo que, talvez, hoje me acometesse, por ignorar como anda o interior do Brasil), com uma mochila, não podia ficar indiferente ao fato de não ver movimento algum, a não ser um ou outro carro ou caminhão. Foi quando percebi algumas vozes a alguns metros dali.

Havia um grupo de capiaus deitando conversa fora, quem sabe, depois de uma labuta intensa na lavoura. Não seriam mais que quatro ou cinco. Resolvi me dirigir a eles: dado o “boa noite” de praxe, respondido educadamente pelo pequeno ajuntamento, perguntei-lhes sobre quando é que chegaria o tal ônibus – prometido pelo Toni – que me levaria, sem problemas, a Prados.

Não chegaria. Já tinha passado há algum tempo.

“A quantos quilômetros estou da cidade?”

“Não é muito,” respondeu um mulato simpático, que me parecia uma espécie de líder do grupo. “Coisa de uns 14 quilômetros.”

Era uma noite branda, como disse. O luar banhava a estradinha de terra ladeada pelas sombras de árvores que pareciam percorrer a estrada até Prados. Nunca fui de longas caminhadas, mas conjecturei que talvez pudesse enfrentar o trajeto. “Sempre em linha reta, é isso?” O mesmo homem me perguntou “Desculpe, amigo, mas de onde é que o senhor vem mesmo?”

Disse-lhe. Ele me desiluiu: não chegaria a Prados sem mais aquela. Era muito longe para uma pessoa de São Paulo. “O senhor não está acostumado,” acrescentou. Então me assustei; teria de passar a noite ao relento, no aguardo de um ônibus que só chegaria no dia seguinte?

De novo, o mesmo homem me acalmou, disse que não seria necessário. Eu que aguardasse ali na estrada; era sábado. Dentro em pouco passaria algum carro com gente para Prados. A cidade era conhecida por suas festas, não faltaria quem me desse carona. Fiquei confuso: seria assim tão fácil? Foi. Lá pelas tantas, passou um carro com alguns rapazes. Ao sinal dos homens do campo, eles pararam. Adiantei minha complexa condição de jornalista em busca de uma matéria em Prados, onde se realizava um festival.

Era para onde eles iam. Abriram a porta, embarquei. Na estrada, fui ouvindo as histórias daquelas paragens desertas. Eram recheadas de fantasmas. Um dos garotos contou de uma mulher de branco que costumava acompanhar os motoristas, voando ao lado do veículo. Não

me ocorreu que talvez fosse essa, e não a minha inexperiência, que a caboclada não queria que eu vivenciasse. Em todo o caso, foi como caronista que desembarquei na igreja, onde vi o Toni, preparando-se para o concerto. E foi quando o fulminei com a observação que abre este depoimento.

Passados quase cinquenta anos daquela noite – quando encontrei Willy Corrêa de Oliveira, que eu já conhecia, além de outros professores e alunos da USP –, fica a pergunta: onde se escondia o fascínio de Olivier Toni, que conseguia mover mundos e fundos, incluindo algumas autoridades da ditadura, músicos, compositores e jornalistas de esquerda, como eu? Ele não tinha o carisma de algumas personalidades que entrevistei ao longo de minha vida jornalística, como Leonel Brizola, Luiz Inácio Lula da Silva, Paulo Maluf, para falar de certos políticos, ou Eleazar de Carvalho e Hans-Joachim Koellreutter, para só mencionar alguns músicos.

Mistério.

Quando nos encontrávamos, enquanto eu pedia um chope, ou uma cerveja, Olivier Toni não escondia sua gulodice calma, bem-humorada: ou bebia café com leite, ou qualquer outra bebida não alcoólica (chocolate, se tivesse), mas sempre acompanhada de um pedaço de bolo – que ele deglutia calmamente, em geral, contando suas histórias; eram famosas. Como a de meu professor, o grande clarinetista Leonardo Righi, que ele imitava à feição, buscando o sotaque bolonhês, para inventar qualquer frase, gaguejando, como o mestre – “O Enio, meu aluno...” –, ou como quando contava as anedotas da Orquestra do Teatro Municipal, da qual participara como fagotista.

Ai os casos pululavam, como o do famoso regente que se virou para o público, antes do acorde final, e que, evidentemente, provocou as risadas dos músicos. Ou outros, menos engraçados, mas extremamente significativos, até comoventes, como o da grande Guiomar Novaes num concerto de Mozart. Numa passagem particularmente fácil, a maravilhosa e sempre impecável Guiomar tocou uma nota errada – coisas que acontecem até mesmo com gênios, como ela. Do seu lugar de fagotista, porém, Toni ficou a observá-la, e viu uma cena inesquecível: Guiomar

ficou olhando para a nota que lhe faltara e, no pouco que lhe restava para prosseguir, levantou o indicador em direção ao teclado, numa admoestação, como a dizer: “Ah, este traidorzinho que fugiu do meu dedo na hora errada!”. “O que vi foi uma censura carinhosa ao próprio piano!”, dizia Toni, enternecido.

Seu lado instrumentista, confesso que não conheci. Mas quando se punha ao pódio como regente, sempre encontrava o respeito dos instrumentistas. Eles o consideravam por sua liderança e sua inefável convicção em torno de seus projetos – nunca pessoais, sempre coletivos. Desconfio que as horas em torno de uma partitura não o convenciam de que prestar maior serviço à música não seria mais relevante do que a instituição a ser criada, num futuro próximo, fosse como fosse. E que se prestaria, mais cedo ou mais tarde, ao que ficou.

Tinha grande preocupação com as cordas, ou a falta delas, um problema crônico na época. Observava, com razão, que se havia um padrão imprescindível, ele era exatamente o que, à época, obrigava os regentes a buscar lá fora os violinistas, violistas, violoncelistas e contrabaixistas que, por aqui, rareavam. Ou pior: pontuava que, quando à falta destes, os regentes se viam obrigados a contratar um garoto ou garota que mal tartamudeava seu instrumento.

Nesse ponto, sua grande qualidade era, exatamente, a de esperar pacientemente. As cordas um dia seriam abundantes o suficiente para preencherem as estantes das orquestras brasileiras. Era o que explicava as escolas e as orquestras juvenis.

Ao lado disso, porém, havia o incentivador dos compositores, o professor estimado, o amigo que os animava a comporem sem peias ou inibições. A primeira vez que o vi atuando, com uma orquestra de câmara – e em que me dei conta por quais caminhos podia percorrer a música contemporânea –, foi (acho) na primeira audição do *Ouviver*, de Willy Corrêa de Oliveira.

Aconteceu em Santos, numa das primeiras edições dos festivais de Música Nova, organizada por outro grande nome, Gilberto Mendes. Vivia-se a plenitude da ditadura, e o que os artistas do

manifesto Música Nova faziam era o contraponto perfeito da ordem e do progresso que o reacionarismo do regime pregava e exigia. Numa certa medida, era o desaforo musical ao bom comportamento a que todos estávamos obrigados por imposição da ditadura civil-militar. O que espanta, porém, é que Olivier Toni, apesar de tudo, enquanto regia uma obra de Willy ou de Gilberto, conseguia que o brigadeiro Faria Lima, interventor da prefeitura, um dos quadros dos milicos na época, acesse em criar uma escola municipal. E mais: uma escola municipal de música.

Mais tarde, adviriam os festivais, os encontros, a Escola de Música da ECA e até os aniversários e enterros, aos quais, com a maior naturalidade – na verdade, sem nenhuma cerimônia –, Toni me obrigava a comparecer.

Devo uma confissão: eu também fui seu discípulo numa matéria que só ele poderia ensinar, a tolerância e a paciência – mas também, paradoxalmente, a firmeza ideológica. Uma das últimas vezes em que nos encontramos foi logo depois da *perestroika*. Perguntei-lhe sobre Mikhail Gorbachev. Sua resposta foi mais ou menos a que muitos comunistas deram durante o período. Gorbachev? Não, não lhe importavam os agentes da CIA.

O que fica, para mim, em suma, é que Toni, Olivier Toni, (nunca ouvi ninguém, nem seus alunos o tratarem por senhor) apesar de seus 92 anos, nunca deveria ter morrido. Ouvia de Cláudia, sua filha, quando nos encontrávamos eventualmente (eu já desistira da música, tinha montado o meu ateliê de pintura), como estava seu pai: a resposta, durante anos, foi sempre a mesma – “Muito bem!”

Estimo que Willy Corrêa de Oliveira talvez tenha razão quando diz que acredita na alma, na imortalidade dela numa outra dimensão – mesmo que isso soe um absurdo para os comunistas que nunca deixamos de ser.

Então Olivier Toni deve estar bem. Inventando alguma instituição musical algures, entre anjos, quem sabe. Ou, sei lá, plenamente inserido nessa coisa misteriosa que não sei se existe depois da morte.

Sobre o autor

Enio Squeff é pintor, crítico musical e jornalista. Trabalhou nos principais jornais do país. Escreveu e ilustrou diversos livros. Expôs individualmente em Cuba, Alemanha, Colômbia e Brasil.

Recebido em 13/03/2018

Aprovado em 13/03/2018